

Improvisação vocal em movimento: a proposta do grupo L.I.V.E.

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: A voz nos diversos contextos da prática musical

Wânia Mara Agostini Storolli
UNESP – wania.storolli@unesp.br

Resumo. Este estudo relata sobre a experiência do grupo L.I.V.E. (Laboratório de Improvisação Vocal e Experimentação) e seus processos criativos, que se fundamentam principalmente na conexão entre voz e movimento. Com uma atuação interdisciplinar, o grupo tem desenvolvido performances que integram improvisação vocal e proposta cênica, buscando por novas formas artísticas. Integrando práticas corporais diversas, como a Respiração Vivenciada de Ilse Middendorf, o trabalho fundamenta-se também no entrelaçamento entre linguagens, resultando em processos e performances singulares ao revelar a unicidade e potencialidade criativa de cada voz.

Palavras-chave. Improvisação vocal. Experimentação. Processo criativo. Grupo L.I.V.E..

Vocal Improvisation in Motion: the Proposal of the Group L.I.V.E.

Abstract. This study reports on the experience of the group L.I.V.E. (Laboratory of Vocal Improvisation and Experimentation) and its creative processes, which are mainly based on the connection between voice and movement. With an interdisciplinary approach, the group has developed performances that integrate vocal improvisation and scenic proposal, looking for new artistic forms. Integrating diverse body practices, such as Ilse Middendorf's Perceptible Breath, the work is also based on the intertwining between languages, resulting in singular processes and performances by revealing the uniqueness and creative potential of each voice.

Keywords. Vocal Improvisation. Experimentation. Creative Process. Group L.I.V.E..

1. A procura por novas formas

No final de 2012 o grupo L.I.V.E. (Laboratório de Improvisação Vocal e Experimentação) inicia suas atividades, com a intenção de aprofundar a pesquisa sobre a voz no contexto da criação artística contemporânea como parte de um projeto de pós-doutoramento. O grupo caracteriza-se por seu especial interesse nos processos criativos impulsionados pela voz, pela intersecção entre prática e teoria, assim como pela possibilidade de integração das diferentes linguagens artísticas, que orientam suas atividades. Estas envolvem leituras de textos relevantes e debates, assim como experimentações práticas que se ocupam das relações entre voz e performance, culminando com intervenções sonoras e outras formas híbridas. A investigação tem como foco a geração de novas formas a partir do processo de experimentação prática. Em seu início, o grupo foi composto por artistas-pesquisadoras da área da música e das artes cênicas, marcando desde então sua forma de atuação interdisciplinar. Desde sua criação, embora com variações em sua composição, o grupo manteve a característica de ser um grupo feminino de artistas-pesquisadoras,

abrangendo diversas áreas de formação, tais como música, artes cênicas, artes visuais e musicoterapia. Embora não houvesse a intenção inicial de estimular a participação apenas de artistas mulheres, o grupo se consolidou como um grupo feminino, expressando um interesse predominante das artistas mulheres na área da pesquisa que conecta práticas corporais e voz. A formação multidisciplinar das participantes, com inclusão das linguagens do corpo, foi determinante para o interesse em integrar o grupo, pois os processos de criação propostos organizam-se exatamente a partir da proposta de práticas que conectam voz, movimento e cena, ou seja, o foco é na voz e sua relação com a performance e as diversas formas em que pode se materializar. Atualmente o grupo conta com cinco participantes, artistas-pesquisadoras com formação nas áreas da Música, Artes Cênicas e Artes Visuais e experiências prévias na área do canto e de práticas corporais.

2. Grupo L.I.V.E.: fundamentos e estratégias práticas

O propósito de desenvolver um processo criativo a partir da voz é o princípio fundamental do trabalho do grupo L.I.V.E.. A investigação de como os recursos da voz podem ser determinantes para a criação musical, orientando suas formas de performance e relações com outras linguagens, é portanto o ponto central de onde parte a pesquisa do grupo, assim como norteia a busca e o desenvolvimento de estratégias práticas. O grupo dedica-se ao desenvolvimento de performances multimídia, explorando a relação entre voz e corpo, voz e performance, assim como voz e tecnologia.

O processo de criação parte quase sempre de propostas de vivências práticas. Estas, por sua vez, têm início pelo movimento, com a percepção das articulações, relações de peso e apoio e através da percepção da conexão profunda entre movimento e ritmo respiratório. Não há movimento sem respiração, nem respiração sem movimento, elementos naturalmente conectados. Os princípios do trabalho com respiração fundamentam-se principalmente na prática da *Respiração Vivenciada*, desenvolvida por Ilse Middendorf a partir da década de 1930 na Alemanha. Esta prática ocupa-se das relações entre dentro e fora, sendo a respiração vista como um forte elo de ligação entre o interno e o externo, de mediação com o ambiente, trazendo também a questão da consciência e da presença. A presença pressupõe a concentração total no que ocorre no momento, levando a uma vivência do momento presente. A *Respiração Vivenciada* estimula a consciência dos processos da percepção, quando o externo passa a fazer parte do corpo transformando-o. A respiração não é trabalhada com um sentido utilitário, para se chegar a algum estado específico. O movimento

criativo que dela pode surgir é um desdobramento natural, que por sua vez pode se manifestar como movimento do corpo ou através da voz, compreendida também como uma forma de movimento. Essa ligação direta com o processo criativo a partir da vivência do movimento respiratório é o aspecto mais intensamente explorado, gerando improvisações vocais que se conectam de forma profunda às ações do corpo, porém o mais importante é o processo em si. Como consequência, os desenhos vocais são sempre renovados, abrindo espaço para um desenvolvimento sonoro distinto a cada experiência, manifestação de um corpo em movimento.

A noção de corpo que fundamenta o trabalho não se limita ao corpo físico. O corpo abrange todas as instâncias do ser, sendo a voz igualmente compreendida como manifestação do ser. Embora discorrendo sobre poesia sonora, a seguinte afirmação de Paul Zumthor não deixa de ser pertinente à concepção de corpo do grupo L.I.V.E.:

O corpo não é somente um agregado de membros que gesticulam sob nossos olhos: é, mais profundamente, a intensidade do gesto interior, repentinamente manifestado na plenitude da voz. É a nossa maneira de ser no mundo, nosso modo de existir no tempo e no espaço.” (ZUMTHOR, 1992, p. 142)

De fato, sem ter uma influência direta da poesia sonora, a estética do grupo tem como antecedentes a mudança dos parâmetros vocais ocorrida no decorrer do século XX nas diversas linguagens artísticas. Assim, a poesia fonética, as vanguardas artísticas, em especial os dadaístas e futuristas, que preconizavam os “versos sem palavras”, assim como o experimentalismo e compositores que se dedicaram a explorar os recursos da voz, incluindo as diversas possibilidades do aparelho fonador, tais como Luciano Berio por exemplo, estabeleceram condições para o surgimento de novos parâmetros vocais. Pode-se também detectar influências mais próximas no tempo, como as performances de artistas que organizam seus processos criativos a partir da voz movendo-se entre as diversas linguagens artísticas, tais como Meredith Monk, compositora com larga produção em novos gêneros, como a arte da performance, e com obras que não se deixam facilmente classificar, em geral conectando movimento e voz.

Neste contexto contemporâneo, que estabelece as bases da investigação do grupo L.I.V.E., a voz não se manifesta apenas como canto, mas pode vir como suspiros, sopros e arquejos. Desta forma uma das estratégias intencionando a exploração sonora da voz, desvinculada da semântica, é a experimentação com glossolalia, uma língua inventada, que está presente tanto nas práticas quanto em momentos específicos das diversas performances

criadas pelo grupo. Mas para além disso, no contexto contemporâneo também a performance se transforma, surgem novas formas que passam a se caracterizar pelo entrelaçamento entre as diversas linguagens, também característica dos processos criativos desenvolvidos pelo grupo.

3. Voz como som: a geração de um espaço poético

Tanto as pesquisas vocais como a procura por novas formas artísticas são largamente impulsionadas pelo pensamento de Antonin Artaud. Em seu primeiro manifesto *O Teatro da Crueldade*, este artista visionário propõe um novo teatro, que se desvincule do textocentrismo e readquira seus poderes específicos de ação. Para Artaud, “o teatro, por seu lado físico, e por exigir a *expressão no espaço*, na verdade a única real, permite aos meios mágicos da arte e da palavra exercerem-se organicamente e em sua totalidade, como exorcismos renovados.” (ARTAUD, 1984, p. 114) As propostas de Artaud exerceram grande influência na investigação prática de diretores de teatro e, especialmente na questão da voz, que passa a ser explorada em conexão a vivências corporais, muitas vezes desvinculando-se da palavra, perseguindo assim seu pensamento sobre o que resta da palavra no contexto da encenação teatral: “aquilo que o teatro ainda pode extrair da palavra são suas possibilidades de expansão fora das palavras, de desenvolvimento no espaço, de ação dissociadora e vibratória sobre a sensibilidade.” (ARTAUD, 1984, p. 114-115) Portanto, a voz é trabalhada principalmente na sua potencialidade sonora, aqui aproximando-a de sua natureza musical, porém distante de qualquer forma de libreto que a possa condicionar. Entende-se o fenômeno sonoro da voz em especial relação com o espaço. De fato, a voz é capaz de gerar espaços – o espaço privilegiado da performance artística, um espaço poético, que ao interligar as diversas linguagens pode atuar sobre a percepção dos participantes, artistas e público, estimulando todos os sentidos.

A voz é primordialmente sopro. Habitando os espaços *entre*, é o elo entre corpo e palavra. Como diz Zumthor, se “a linguagem humana se liga, com efeito, à voz, o inverso não é verdadeiro. A voz (...) se dá como anterior às diferenciações filogenéticas” (ZUMTHOR, 2000, p.100). Também para a filósofa Adriana Cavarero, “o âmbito da voz é constitutivamente mais amplo que o da palavra: ele o excede” (CAVARERO, 2011, p. 28). Assim, nos processos de criação artística, a voz tem se manifestado de forma a ir além das palavras, como que querendo se libertar das amarras da linguagem, de seus condicionamentos, e poder ser assim desvendada em toda sua potencialidade sonora.

4. As performances

Os processos criativos do grupo L.I.V.E., embora embasados segundo os princípios acima explicitados, adquirem contornos singulares a cada performance. Por envolverem estratégias específicas resultam também em propostas de performance significativamente distintas. Seguem exemplos de performances desenvolvidas pelo grupo e as estratégias desenvolvidas no processo de criação:

Vozes em Trânsito: Fragmentos e Simultaneidades

Em 2013, o grupo tem sua estreia com a performance *Vozes em Trânsito: Fragmentos e Simultaneidades*, apresentada na SP Escola de Teatro como parte da programação de um evento internacional, o 8º Encontro do Instituto Hemisférico de Performance e Política da *New York University*, realizado em janeiro em São Paulo. Neste primeiro trabalho, vozes são percebidas como parte de uma paisagem sonora contemporânea. A inspiração para a proposta deste tema surge da dimensão que tem assumido um dispositivo tecnológico específico, o celular, em nossas vidas, da constatação de como este passa a ser um protagonista no cotidiano urbano, fundindo diversas vozes e narrativas pessoais no espaço público, relacionando real e virtual, público e privado. Além do celular, a performance faz uso de recursos tecnológicos de captação e reprodução sonora, reproduzindo em momentos posteriores da própria performance fragmentos sonoros captados em tempo real durante a mesma, assim como improvisações vocais previamente gravadas pelo grupo e pelos participantes, que exploram sons da respiração e propostas de desconstrução da palavra. Uma das improvisações brinca com versos de *Cross Overs* (1996), da compositora Pauline Oliveros: *Sound a word as a sound, sound a sound as a word* (OLIVEROS, 2005, p. 54). As improvisações vocais previamente gravadas pelo grupo L.I.V.E. são integradas na apresentação ao vivo, relacionando-se com ações e improvisações vocais realizadas pelos participantes no momento da apresentação. Desta forma, ocorre no momento da performance uma intersecção entre sons gravados e ao vivo. Além das integrantes do grupo, a apresentação incluiu como performers os participantes do workshop oferecido no mesmo evento. Após um preparo que integrava práticas de respiração, movimento e voz, escuta e improvisação vocal livre, realizado durante três dias, os participantes eram orientados a atuar segundo um roteiro com instruções específicas de ações e tempos na apresentação. Além disso, metade dos participantes receberam uma bula com instruções contendo um número de celular de outro participante, assim como tema para uma conversa. Em um momento específico da performance, deviam ligar para o número da bula e travar o tema da conversa. O

desenvolvimento da performance é desta forma determinado pelo acaso, ficando explícito o caráter único de cada performance, pois de fato é também uma surpresa para o participante com quem e sobre o que falará e como a conversa será desenvolvida. Seu final porém, segue indicações de tempo, marcadas pela reprodução de arquivos sonoros, passando-se ao próximo passo que é realizar vocalmente a desconstrução de uma ou mais palavras, escolhidas a partir da conversa, o que gera uma improvisação vocal ao vivo. A gravação de fragmentos dos diálogos em tempo real é reproduzida em momento posterior durante a performance, uma espécie de memória fragmentada. Como a performance foi realizada no hall da SP Escola de Teatro, muitas pessoas que estavam no espaço não perceberam de imediato que se tratava de uma performance, já que falar pelo celular é algo corriqueiro no espaço público, provocando de fato uma mixagem entre performers e não performers.

De lábios e línguas

Esta performance foi desenvolvida para um quarteto feminino e apresentada inicialmente na mostra *Performix 2014* integrando a programação do evento *Satyrianas*, realizado na cidade de São Paulo. A performance trata das possibilidades de existência e transformação das vozes. Criando espaços e sonoridades, gerando imagens, as vozes manifestam-se em sua multiplicidade ao compor a trama sonora da vida contemporânea. Nas improvisações vocais são exploradas formas não usuais de emissão vocal e ressonância, sons percussivos, além da glossolalia. No processo criativo, o grupo se inspirou parcialmente na leitura da obra de Adriana Cavarero, *Vozes Plurais: filosofia da expressão vocal* (2011), em especial do capítulo *Eco – ou sobre a ressonância*, propondo vivências práticas e criação de estratégias a partir desta leitura, que orientaram alguns aspectos do desenvolvimento da performance. Assim, uma pequena célula musical foi criada e trabalhada na forma de cânone, remetendo-se ao eco, estratégia inerente à própria linguagem musical, não se restringindo porém à voz, mas incluindo-se o mesmo procedimento para o corpo. O cânone é desenvolvido com coreografias e movimentos específicos, presentes também em outros momentos desta performance, relacionando de forma precisa propostas de movimento à improvisação vocal. A performance faz uso de objetos inusitados, de imagem em movimento, finalizando com a mesma melodia do cânone, agora reproduzida em gravação pelo piano, espécie de resíduo da própria performance, seguida de uma improvisação com sons da respiração.

Sob nossos olhos

Com estreia em outubro de 2019, como parte da mostra cênica da Jornada de Pesquisa em Arte da UNESP, realizada no Instituto de Artes da UNESP na cidade de São

Paulo, a performance fala dos escombros que nos envolvem, da paisagem urbana em deterioração, histórias de perda e memórias, mas também da esperança da generosidade. Durante o processo de criação, foi realizada pesquisa de campo, em que o grupo visitou locais de escombros e demolições e neste ambiente fazia improvisações vocais. Desta forma houve uma sensibilização para o tema, a vivência da sensação de estar envolto por escombros e como isto atua sobre a ação vocal. Nas vivências práticas, o trabalho incluiu o movimento a partir das articulações, a percepção da relação com a gravidade e localização de apoios, deslocamentos em linhas e diagonais, sempre acompanhados pelas manifestações da voz, além de escuta de música hindu, estimulando um estado meditativo, de presença e abertura para a improvisação vocal. Outra estratégia foi o uso de imagens, como por exemplo, a ruptura e escape dos escombros em movimentos e sons. Nesta performance, há momentos para improvisações de solos de cada uma das cinco integrantes do grupo, tendo como tema a perda. São utilizadas propostas de trajetória, que despertam a voz para uma multiplicidade de sons, cantos e formas de emissão vocal. Embora, o caminho esteja previamente delineado, não há de fato uma repetição da criação vocal, que a toda vez se renova.

5. Considerações Finais

O aspecto da voz, anterior à consolidação das linguagens, está na base de muitos processos de criação artística contemporâneos e diz respeito também ao processo de investigação do grupo L.I.V.E.. O anseio por libertar a voz dos condicionamentos da linguagem orienta o percurso de investigação dos recursos vocais e organiza os processos de criação. De fato, ao se trabalhar a conexão profunda entre movimento e voz, surgem sonoridades diversas e inusitadas. A voz pode ousar, assumindo formas distantes das línguas convencionais e de suas melodias, moldando o som em novas palavras. Línguas pessoais e ininteligíveis são inventadas, integrando parte do material sonoro das performances.

O trabalho desenvolvido pelo grupo L.I.V.E. insere-se portanto neste contexto contemporâneo de mudança dos parâmetros vocais e dos conceitos artísticos, bem como do surgimento de novas formas, que trabalham no território do entrelaçamento das linguagens. O interesse pelo processo e o desejo de afetar o outro, desenhando uma performance em que a singularidade de cada participante pode atuar de forma criativa são características do trabalho desenvolvido pelo grupo. A procura por novas formas resulta do desejo de que cada voz tenha a possibilidade de desenvolver sua potencialidade criativa, movimento que permite a experimentação e a descoberta, por não se guiar por formas pré-estabelecidas. A voz pode



abranger toda e qualquer sonoridade, materializar-se como manifestação das diversas instâncias do ser. A singularidade deste processo manifesta-se na forma que a própria performance adquire, distinta a cada encenação, assim como nas formas de emissão vocal e movimento, revelando a unicidade de cada voz e a voz como forma de existir no tempo e no espaço.

Referências

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

CAVARERO, Adriana. *Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OLIVEROS, Pauline. *Deep Listening: A Composer's Sound Practice*. New York: iUniverse, 2005, p. 54.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

ZUMTHOR, Paul. Poesia do Espaço: novos territórios para uma nova oralidade. *In: MENEZES, Philadelpho (Org.). Poesia Sonora: poéticas experimentais da voz no século XX*. São Paulo, EDUC, 1992, p. 138-144.